

## BOURDIEU E A LINGÜÍSTICA APLICADA

Maria de Lourdes Otero Brabo CRUZ\*

---

*RESUMO: Procura-se no presente trabalho: (a) analisar as concepções de Bourdieu no que diz respeito à competência lingüística e ao tratamento dos fatos lingüísticos; (b) traçar um paralelo entre essas concepções e a lingüística aplicada; e (c) definir a sua postura como sendo a de um lingüista aplicado.*

*UNITERMOS: Competência lingüística; fatos lingüísticos; ensino; lingüística aplicada; interdisciplinaridade.*

---

### 1. INTRODUÇÃO

Nesta introdução farei um resumo das idéias apresentadas por Bourdieu em seu artigo (2), tendo em vista uma familiarização do leitor com a terminologia e conceitos por ele adotados, bem como uma melhor compreensão dos pontos desenvolvidos a seguir.

Justifica-se a abordagem do presente artigo em função da visão atual de comunicação e competência comunicativa, bem como da preocupação relevante com a interação lingüística e as posturas de classe social.

A terminologia básica fundamentada na economia é uma evidência da atitude de Bourdieu face ao fato lingüístico, como dado concreto e possibilitador de trocas na sociedade.

Existe um mercado lingüístico em que a competência funciona como um capital, que possibilita um sistema de trocas simbólicas dentro do universo social. A competência dominante funciona como capital lingüístico assegurando um ganho de distinção na sua relação com as outras competências, na medida em que os grupos que a detêm são capazes de se impor como únicos, os legítimos, nos mercados lingüísticos legítimos (mercado escolar, administrativo, social etc).

As oportunidades de ganho são avaliadas pelo emissor em função de um hábito particular (norma) que comanda a sua percepção e a sua apreciação das chances objetivas

---

\* Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciência e Letras – UNESP – 19800 – Assis – SP.

médias ou singulares. O hábito lingüístico é objetivamente ajustado em um nível dado de aceitabilidade, ou seja, é na relação entre uma situação e um hábito que a aceitabilidade se define; esta é produto de toda a história da relação com um sistema de reforços seletivos.

Os dominados reconhecem a legitimidade da língua dominante, e vivem uma insegurança lingüística permanente pela falta do conhecimento (domínio) da mesma.

A língua varia segundo o locutor e segundo a relação de produção lingüística, isto é, segundo a estrutura da interação lingüística. A variação é a resposta à coação simbólica exercida pela relação de produção, isto é, a relação que o interlocutor tem com a língua legítima.

O sentido do valor de seus próprios produtos lingüísticos é uma das dimensões fundamentais do sentido da posição de classe: a relação originária com o mercado lingüístico e a descoberta do preço atribuído às suas produções lingüísticas são, sem dúvida, com a descoberta do preço outorgado ao corpo próprio, uma das mediações através das quais se determina a representação prática da pessoa social.

O capital lingüístico é um capital incorporado e a aprendizagem da língua é uma dimensão da aprendizagem de um esquema corporal global, que é ajustado a um sistema de chances objetivas de aceitabilidade. A linguagem é uma técnica do corpo e a competência propriamente lingüística, e sobretudo a fonológica, é uma dimensão do esquema corporal onde se exprime toda a relação com o mundo social. A censura da linguagem é inseparável da censura do corpo.

## 2. EM TORNO DA COMPETÊNCIA

Bourdieu (2), em seu artigo “L’Economie des Échanges Linguistiques”, critica a lingüística de forma generalizada, quando na verdade o que está analisando é uma postura própria de uma corrente – o Gerativismo. É o que ocorre, quando enuncia que “por competência, a lingüística entende implicitamente a competência propriamente lingüística como capacidade de gerar indefinidamente um discurso gramaticalmente adequado”. Mais adiante sim, ele afirma que “a competência chomskyana é uma abstração”. Bourdieu apresenta, então, a competência ampliada e destaca que “o problema não é a possibilidade de produzir uma infinidade de frases gramaticalmente coerentes, mas a possibilidade de utilizar de maneira coerente e adequada uma infinidade de frases num número infinito de situações”, Bourdieu manifesta uma opinião presente em várias correntes lingüísticas, fora do gerativismo, que criticam a estreiteza do conceito de competência chomskyana que não contempla a adequação às situações de uso.

Almeida Filho (1) esquematiza a proposta de Canale e Swain para uma definição mais abrangente de competência comunicativa, em que esta se apresenta formada pelo componente da competência gramatical (a aludida por Chomsky na definição de competência) acrescido do componente da competência sócio-lingüística e do componente da competência estratégica.

Portanto, as observações apresentadas por Bourdieu de que “a competência não se reduz mais à capacidade propriamente lingüística de engedrar um certo tipo de discurso, mas faz intervir o conjunto das propriedades constitutivas da personalidade social do locutor”, correspondem a uma competência sociolingüística, que inclui: “a) as regras sócio-culturais de uso pragmático, tópicos, funções, cenários, papéis sociais; e b) regras do discurso, incluindo coesão e coerência” (Almeida Filho, 1).

A competência estratégica visa suprir deficiências na comunicação, compondo-se de elementos verbais e não verbais com tal fim, quando de um desempenho insatisfatório ou por competência insuficiente. Bourdieu também desenvolve a noção de hábito lingüístico que, segundo ele, “integra o conjunto das disposições que constituem a competência ampliada, que define para um agente determinado a estratégia lingüística que se adapta a suas oportunidades particulares de lucro, dadas a sua competência específica e a sua autoridade. Neste caso, a estratégia lingüística serviria de apoio para uma competência satisfatória, o que asseguraria uma aprovação social e uma realização efetiva da comunicação.

Assim, pois, Bourdieu defende a competência comunicativa, dando ênfase ao componente da competência sociolingüística.

### 3. FATO LINGÜÍSTICO FRENTE AO PROCESSO HISTÓRICO

Outra colocação feita por Bourdieu neste artigo é a de que: “Uma ciência rigorosa da linguagem substitui a questão saussuriana das condições de possibilidade de intelecção (isto é, a língua) pela questão das condições sociais de possibilidade da produção e da circulação lingüísticas”. Não nos parece conveniente o termo substituição, mas sim complementação. Apoiadas em fundamentos lingüísticos, mas com um foco de ação que toma em conta as condições sociais, enfim, o fator humano e toda a problematização referente a ele, temos a Sociolingüística e a Lingüística Aplicada (L. A.).

Quando Bourdieu afirma que “o discurso deve sempre suas características mais importantes às relações de produção lingüística das quais é produto”, apresenta uma visão que é própria do sociolingüista e do lingüista aplicado, como veremos mais adiante. Segundo ele, “todas as transações lingüísticas particulares dependem da estrutura do campo lingüístico, o qual é uma expressão particular da estrutura da relação de forças entre os grupos possuidores das competências correspondentes (exemplo: língua “polida” e língua “vulgar”, ou, numa situação de plurilingüismo, língua dominante e língua dominada)”. Esta relação de forças reflete-se no ato da comunicação e nas funções dialógicas da linguagem que fazem parte do mesmo. Assim, Bourdieu relata que: “A língua não é mais somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder”.

#### 4. LINGÜÍSTICA APLICADA: A QUESTÃO DO ENSINO E A PREOCUPAÇÃO FUNDAMENTAL COM O FATOR HUMANO

Ângela Kleiman (3) coloca no I INPLA, como uma das preocupações em Lingüística Aplicada (L. A.), as “interações assimétricas” (grupos minoritários X grupos de poder), e que em função disso procura-se encaminhar as sugestões de ensino. Nesta linha, temos a reflexão e o trabalho pedagógico de Paulo Freire, orientado para o ensino e a conscientização das classes dominadas. Sua filosofia educacional propõe que “o educador-político e o político-educador se tornem capazes de ir aprendendo a juntar na análise do processo em que se acham, a sua competência científica e técnica, forjada ao longo de sua experiência intelectual à sensibilidade do concreto” (Freire, 4). Este procedimento proporcionará a compreensão dos valores culturais e das formas de resistência das classes populares, e podemos tomá-lo como bases para uma abordagem humanística no ensino.

Bourdieu também enfoca esta questão no presente artigo, caracterizando as classes populares pela insegurança lingüística e pelo silêncio, resultados da “tensão que existe em função da distância entre o reconhecimento e o conhecimento, entre a norma reconhecida e a capacidade de produção”. Analisa este quadro frente ao sistema escolar, e descreve a possibilidade de transgressões face às “relações de força simbólicas que se encontram instauradas num momento considerado ” (como as situações de crise social, em que há um relaxamento da tensão e da censura).

#### 5. A QUESTÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE

Bourdieu afirma que “a pesquisa dos pressupostos, na qual se embrenham atualmente os mais lúcidos dos lingüistas, conduz inevitavelmente fora da lingüística como ela se define ordinariamente, em boa lógica, ela deve conduzir à reintrodução de todo o mundo social na ciência da linguagem, a começar pela Escola que impõe as formas legítimas do discurso e a idéia de que um discurso deve ser reconhecido se, e somente se, estiver conforme com essas formas legítimas (...)”.

Cumpramos ressaltar que a lingüística, como ciência que realiza um estudo científico da linguagem, tem por meta o estudo da língua desde a sua gênese, transformações e estruturação.

Como já foi mencionado anteriormente, a complementação desse estudo deve ser feita, tomando-se em conta o caráter social da língua, enquanto instrumento de comunicação entre os homens. Sendo assim, a preocupação manifestada por Bourdieu, neste discurso, coincide com a expressa pela L. A., tomando em conta o usuário da língua, bem como, de forma mais específica, as situações de uso da língua no contexto de ensino, e as relações estabelecidas pelo educando com o ensino e a linguagem da escola. A L. A. procura fazer uma análise desse quadro, tendo em vista o ensino da língua materna ( $L_1$ ) ou língua estrangeira ( $L_2$ ). Tendo como base uma sólida fundamentação lingüística, a L. A. busca, como na colocação de Bourdieu, um ponto de apoio em várias outras ciências de cunho social para chegar a resultados abran-

gentes. Nisto consiste a interdisciplinaridade, característica presente também na Lingüística, que “toma emprestada a sua instrumentação metalingüística dos dados elaborados pela Estatística, pela Teoria da Informação, pela Lógica Matemática etc.; por outro, na sua qualidade de ciência piloto, ela empresta os métodos e conceitos que elaborou à Psicanálise, à Musicologia, à Antropologia, à Teoria e Crítica Literária, etc. (...)” (Lopes, 5).

Na multidisciplinaridade em L. A. entrariam: a Psicologia Cognitiva, a Etnografia da Fala, a Sociolingüística, a Psicolingüística, a Lingüística etc. Maria Antonieta Celani (3), no I INPLA, afirmou que “a linguagem é o centro da L. A., mas esta não é essencialmente dominada pela Lingüística; esta é um dos elementos. A L. A. tem uma preocupação mais humanista, tomando em conta o usuário: problema do usuário da linguagem, problema humano e educação lingüística”. Como já afirmei anteriormente, deve haver um embasamento lingüístico para a análise dos problemas aqui citados. Ainda que, num estudo de lingüística aplicada haja a preponderância de elementos provenientes de outras disciplinas, é indispensável, por parte do pesquisador, o domínio de princípios e mecanismos abordados na lingüística. O enfoque pode ser outro, o teor do trabalho, mas na sua concepção a lingüística encontra-se como eixo central, a partir do qual a L. A. pode pesquisar, realizar estudos e, inclusive, formular novas teorias. John Palmer, segundo citação de Celani, também vê a lingüística como eixo central, posição que ela, particularmente, não defende, como pode se apreender da citação anteriormente apresentada.

Ângela Bustos Kleiman (3) caracteriza a relação entre ciências puras e aplicadas como bidimensional. Afirma que, neste sentido, a L. A. contribui para o desenvolvimento da linguagem e áreas da lingüística. A relação com as outras disciplinas classifica-a de transdisciplinar, pois a L. A., segundo Kleiman, apropria-se, atravessa e muda os princípios e/ou conteúdo propostos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise das concepções de Bourdieu, em seu artigo, encontramos críticas severas à Lingüística, que correspondem, muitas vezes, a generalização, tomando por base a postura da corrente gerativista.

Entretanto, o estudo realizado por ele em seu artigo é de grande valor e de temática atualizada, e pode ser qualificado como um estudo próprio de um lingüista aplicado pela problematização que apresenta quanto ao uso da linguagem e, de forma mais específica, a descrição da competência dominante na sua relação com dominados e dominantes, e os reflexos disso no ensino.

---

CRUZ, Maria de Lourdes Otero Brabo. Bourdieu and applied linguistics. *Alfa*, São Paulo: v. 35, 79-84, 1991.

*ABSTRACT: This paper intends: (a) to analyse Bourdieu's concept of linguistic competence and his social approach to linguistic facts; (b) to compare his concept with those of today's Applied Linguistics and (c) to define his position as one typical of modern Applied Linguistics.*

*KEY-WORDS: Linguistic competence; linguistic facts; teaching; Applied Linguistics; interdisciplinarity.*

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA FILHO, J. C. P. Fundamentação e Crítica da Abordagem Comunicativa de Ensino das Línguas. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n. 8. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1986.
2. BOURDIEU, P. L'économie des échanges linguistiques. In: *Langue Française*, Paris, n. 34. 1977.
3. CELANI, M. A., KLEIMAN, A. B. Painei: o que é a lingüística aplicada. In: I INPLA – Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada. São Paulo, PUC, 1990.
4. FREIRE, P. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
5. LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.